

## **28. A doença impactou nossa maneira coletiva de viver**

Alcimara Anicá dos Santos

Meu nome é Alcimara Anicá dos Santos, tenho 25 anos, sou do povo Karipuna, moro na aldeia Santa Izabel, sou vice-coordenadora da Associação do Povo Indígena Karipuna (AIKA) e acadêmica do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena. Esse momento que estamos vivenciando está sendo bem difícil para todos nós, está sendo de muitas perdas, essa pandemia mudou nosso modo de vida, nos deixando assustados, sem poder sair de casa para visitar nossos parentes e amigos. Não podemos ir à cidade para fazer nossas compras, sei que tudo isso é para nos prevenir desse vírus, esse inimigo invisível que está levando nossos parentes queridos, pessoas que amamos, pessoas que ainda poderiam estar aqui em nosso meio.

Mesmo estando na aldeia me sinto presa, sem sair de casa. Sinto falta dos meus amigos e fico preocupada com meus parentes que vivem na cidade, principalmente os que vivem na cidade de Macapá e Oiapoque, os que não conseguiram ir para suas aldeias. Muitos deles dependem da venda de seus artesanatos e agora não podem vender, devido essa doença.

Nós, indígenas do Oiapoque, querendo ou não, dependemos de alguns produtos industrializados. Agradeço ao nosso parceiro Iepé (Instituto de Pesquisa e Formação Indígena) pela preocupação de distribuir cestas básicas em nossas aldeias, e as nossas organizações, a todos que estão na linha de frente. Fico preocupada com minha mãe, com nossos mais velhos, pessoas que são do grupo de risco, quem tem diabetes, os que são hipertensos e os que têm problemas de coração. Todos os dias rezo para que eles não contraiam essa doença.

O que é muito estranho e difícil nesta pandemia é manter a distância. Aqui na aldeia temos o costume de visitar as pessoas que estão doentes, levar remédios, fazer comida, mas neste momento fica difícil fazer isso. Aqui na minha aldeia os nossos vizinhos pegaram COVID-19, um deles é compadre da minha mãe, ele é técnico em enfermagem. Nosso avô, que é uma das pessoas mais velhas aqui da aldeia, mora do ladinho da casa dele. É bem difícil ter que lidar com esses novos hábitos para não propagar o vírus, porque para nós, indígenas, é

como se fosse uma falta de respeito não ir lá visitar os idosos e doentes, ou ir usando máscara. A doença não impactou apenas as pessoas, impactou também a nossa maneira coletiva de viver na aldeia.

Aldeia Santa Izabel, Oiapoque, Amapá, Brasil

14 de junho de 2020